

A DIMENSÃO SEMÂNTICA DA TEORIA DA LIBIDO¹

Osmyr Faria GABBI JÚNIOR²

- RESUMO: O artigo apresenta uma teoria dos estágios da libido entendida como uma teoria sobre as formas de apreensão da realidade. Trabalha-se com a idéia do aparelho psíquico freudiano como uma organização formada por uma série de, pelo menos, quatro sistemas inconscientes.
- UNITERMOS: Psicanálise; libido; inconsciente.

"A força de sua teoria [a de Freud] alimenta-se de sua cegueira frente à divisão entre sociologia e psicologia que, além disso, resulta daqueles processos sociais que muitos revisionistas, na linguagem da tradição filosófica do idealismo alemão, chamam de alienação do homem". (Adorno, 1971)

"Mas algo tão discutível quanto o aspecto psicológico dessa construção (que necessariamente tem de colocar o ego como algo em certa medida já dado, e sobre o qual o mundo exterior deixaria impressos seus traços) é o seu aspecto sociológico, e, em especial, a noção acrítica de 'influência'". (Adorno, 1971)

"As 'influências adversas', representadas mais ou menos vagamente (entre as quais, a falta de amor pelos pais ocupa um lugar bastante elevado), tomam o lugar de fenômenos terríveis e inequívocos, como o temor à castração". (Adorno, 1971)

"Inclusive nas classes altas o pai deixa de ser um modelo a imitar". (Horkheimer, 1976)

Não sendo especialista na Escola de Frankfurt que, aliás, parece não constituir uma escola, pretendo oferecer uma visão da psicanálise que, acredito, possa ser utilizada com proveito pelos frankfurtianos, supondo que eles existam. Ela será centrada sobre a teoria dos estágios da libido, que pode, em uma primeira aproximação, ser entendida como uma teoria sobre as formas de apreensão da realidade. Uso a expressão "forma de expressão" no sentido de perceber e reter objetos; ou seja, cada

1. Texto apresentado no Ciclo de Conferências sobre a Escola de Frankfurt, realizado na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Câmpus de Araraquara, em 1990.

2. Universidade Estadual de Campinas - 13081-970 - Campinas, SP.

uma das fases pré-genitais da libido determina a maneira pela qual o indivíduo registra sensorialmente a realidade e o modo pelo qual ele ordena tal registro como representação.

Chamo o conjunto de representações assim fixadas de inconsciente. Se aceitarmos que a cada uma das fases (com exceção da oral precoce e da genital) corresponde um sistema inconsciente, teremos a hipótese de que o aparelho psíquico freudiano pode ser concebido como uma organização complexa e heterogênea, formada por uma série de, pelo menos, quatro sistemas inconscientes. Antes do início dessa série, haveria um primeiro sistema formado pelos sinais perceptivos (*Wahmnehmungsgreihen*), constituído na fase oral precoce, portanto, na etapa mais remota da infância; no final da série, estaria o sistema pré-consciente, correspondendo à fase genital.

Antes de apresentar as diferentes fases, é preciso afastar de imediato algumas possíveis incompreensões. A teoria das fases, tal como a vejo, não é uma teoria desenvolvimentista, nem no sentido de Gesell nem no de Piaget. Isto é, ela não implica nem a idéia de que as fases estejam pré-formadas no indivíduo (Gesell), nem que a presença de uma acarrete o desaparecimento da anterior (Piaget). Freud procurou, em outro contexto, denotá-la com a expressão "série complementar". Aliás, é a sua construção em camadas sobrepostas que permite dar conta de seus efeitos, dado que, em nenhum momento, uma fase pode ser entendida como englobando todas as anteriores e realizando a sua síntese. Além do mais, não podemos esquecer que, apesar da teoria freudiana das fases da libido supor certas condições biológicas, ela tem, como mostraremos a seguir, uma dimensão semântica que não pode ser ignorada.

O primeiro sistema, o dos sinais perceptivos, relaciona-se com os objetos sob a forma da incorporação, suas representações apresentam entre si relações de simultaneidade. A evocação de uma representação já é suficiente para a recuperação de todas as outras. Como os que freqüentam a psicanálise já devem ter notado, é nesse sistema que está a forma mais primitiva e decisiva do circuito de desejo, o seu protótipo. Ele é responsável pelo "núcleo sensorial de cristalização do sonho", para usar termos do vocabulário freudiano. O sistema dos sinais perceptivos é regido pelo princípio do prazer, desconhece a diferença entre a percepção e representação, o que o obriga a viver sob o domínio da alucinação. A inibição das recorrentes alucinações é feita mediante a formação de um primeiro eu ou ego. Com ele, surge a primeira ambivalência no ser humano, que pode ser expressa pela fórmula devorar/ser devorado. Estamos agora em plena fase oral tardia. Nela, os objetos são inscritos (*Niederschrift* é sinônimo de *das Niederschreiben*) sob a forma da introjeção. Suas representações, componentes do primeiro sistema inconsciente, organizam-se, como em todos os quatro sistemas inconscientes presentes no aparelho psíquico freudiano, em torno de relações lógicas.

Por meio do temor, do medo, do horror, das primeiras potências anímicas (*seelischen Mächte*) construídas contra a pulsão sexual, e do predomínio da zona erógena anal sobre a oral, sedimenta-se, sobre o antigo eu, um novo eu. Aqui a

ambivalência passa a se expressar pela oposição destruir/ser destruído. A forma da inscrição da realidade é feita por projeção.

O controle do esfíncter, aliado à culpa, a nova potência anímica formada contra a pulsão sexual anal precoce, leva à constituição de um terceiro sistema inconsciente. A inscrição se faz aqui por transposição e a ambivalência se manifesta pela oposição dominar/ser dominado. Um terceiro eu agrega-se aos estratos já existentes, como se fossem camadas de uma cebola.

Finalmente, a repugnância, a penúltima potência anímica a se estabelecer, aliada a certas circunstâncias biológicas, leva à última fase pré-genital da libido, à fase fálica. A inscrição dá-se agora por conversão e a ambivalência exprime-se pelo par castrar/ser castrado. Um quarto eu é acrescentado aos anteriores.

Devido ao pudor (a última das potências anímicas descritas por Freud) e determinadas condições biológicas, o indivíduo passaria à fase genital. Nela, a inscrição é feita pela linguagem, não há ambivalência em relação aos objetos e a única oposição é descrita pelo par masculino/feminino. O que se coloca frente à pulsão sexual são, segundo Abraham, as prescrições sociais.

Feita essa exposição sumária da teoria da libido, pretendo mostrar por que ela apresenta uma dimensão semântica.

Para dar conta da minha tese, basta recorrer ao que seria, de acordo com as considerações, uma neurose ou uma psicose. Elas podem ser compreendidas como perturbações na tradução de inscrições de um desses sistemas para o seguinte. De forma esquemática, se a perturbação ocorrer na tradução do quarto sistema inconsciente, o formado na fase fálica, para o pré-consciente, o resultado será duplo: perda da capacidade comunicativa do sujeito e aparecimento de um sintoma somático. A primeira consequência decorre do fato da tradução ser inadequada, dado que a fala do sujeito sofre uma modificação incompleta de sua referência na transcrição de uma representação de um sistema para o outro. Com isso, produz-se uma alteração no sentido da fala do sujeito que impede que as outras pessoas, e, a *fortiori*, ele mesmo, entendam aquilo que diz. A segunda perturbação é produzida porque, segundo a teoria freudiana, o aumento quantitativo, presente no momento da tradução, é dissolvido de acordo com o princípio vigente no sistema em que se iniciou o processo, no caso em consideração, dado que se trata do inconsciente formado na fase fálica, por conversão.

Com o objetivo de tornar as coisas mais claras, e poder introduzir o conceito de posterioridade (*Nachträglichkeit*), examinemos um caso clínico de Freud descrito em "A disposição à neurose obsessiva" (1969).

Uma mulher deseja ter um filho do marido. Ele recusa-se e aquela passa a apresentar sintomas de uma histeria de angústia. O marido dá-se conta, inconscientemente, de que é o responsável pela doença da esposa, e, pela primeira vez, falha na relação sexual. Em decorrência, surgem novos sintomas na mulher. Ela tem, agora, certas compulsões, a de lavar e limpar a casa, além de tomar uma série de medidas protetoras e enérgicas contra injúrias severas que poderia fazer contra as pessoas a sua volta, em especial, contra o seu esposo.

O que nos revela a história da libido dessa mulher? Aparentemente, que estaríamos diante de dois fatores: um interno, constitucional, outro externo, puramente acidental, a recusa do marido em atender ao seu desejo. Mas, na psicanálise, as coisas não se passam assim, não há essa oposição absoluta entre externo e interno. Freud reduziu tais fatores a um só: à disposição, ou seja, a modificações estruturais, ocorridas ao longo do tempo, na organização da libido. A frustração de não ter o desejo satisfeito não pode ser apreendida sem que se entenda o próprio desejo. Ora, qual é mesmo o desejo? A resposta imediata seria: ter um filho. Mas, poderia perguntar o analista, tê-lo de quem? À primeira vista, do marido. Mas aqui a teoria freudiana acredita que tal desejo é organizado pela relação edipiana. Vigora, para todos os desejos que se exprimem, a mesma relação presente entre o desejo infantil e os diurnos na produção do sonho. O desejo de ter um filho do pai (demonstrado pelos efeitos produzidos, na paciente, pela sua não-realização) conduz Freud a afirmar que o desejo dela era a expressão de um desejo de sedução. A sua não-realização - a sua frustração - produz angústia que se traduz como "repúdio de fantasias de sedução" (*Versuchungsphtasien*). A resposta do marido à angústia da mulher, sob a forma de uma impotência temporária, satisfaz o desejo em um sistema mais remoto, o fálico, mas equivale, ao mesmo tempo, a uma nova frustração se levamos em conta o sistema mais recente, o genital. O resultado desse desacordo, expresso pela equivalência prazer fálico correspondente a desprazer genital, é um compromisso que pode ser entendido como *formações reativas contra pulsões anais e sádicas*, isto é, o sujeito foi levado a uma regressão maior ainda.

Freud considera esse caso muito importante porque "... ele poderia reivindicar o valor de um documento bilíngüe e mostrar como um conteúdo idêntico pode ser expresso por ambas neuroses em diferentes linguagens". Vamos considerar, no presente momento, que o conteúdo comum seja o de ter um filho do pai. Como ele se inscreveria com posterioridade no pré-consciente? Por intermédio da linguagem ordinária, pelo desejo de ter um filho do marido. Dado que este se recusa, há uma regressão à fase fálica, e o desejo agora se traduz pelo desejo de ter o *phalus*, equivalente aqui ao desejo de castrar o marido. A defesa contra essa versão arcaica de um mesmo desejo exprime-se sob a forma de angústia. Contudo, o marido resolve atender, inconscientemente, a esse desejo, igualmente inconsciente, da sua esposa, e falha na relação conjugal. A realização inesperada da versão arcaica do desejo leva a uma ampliação da defesa contra o desprazer gerado pela sua tradução, e a uma regressão a uma fase mais primitiva, à fase anal tardia. A oposição fálico-castrado dá lugar à oposição dominar/ser dominado. Assim, o desejo de ter um filho (genital) traduziu-se numa versão arcaica, no desejo de ter o *phalus* (fálico). A defesa, movida contra ele, produziu a angústia. Dado que o ponto de fixação dessa paciente localizava-se na fase anal tardia, e que ela teve satisfeito o seu desejo na sua versão fálica - o marido comportou-se como se fosse castrado -, ela regride, devido ao desprazer gerado, a uma versão ainda mais primitiva do mesmo desejo, a de dominar o marido. A defesa mobilizada contra a sua versão anal produz uma nova formação

de compromisso: a compulsão de limpar e as medidas protetoras contra algum mal que ela poderia causar. Tais medidas visam a salvaguardar o objeto de amor da hostilidade a que ele está sujeito.

Como se pode ter notado, a neurose percorreu as diversas traduções de um mesmo desejo no sentido inverso ao da sua formação. Partimos da versão genital e chegamos, no caso dessa paciente, até a sua versão anal tardia. O que nos impõe uma nova tarefa, a de elucidar o que produz o desejo desde a sua versão mais remota, ou seja, desde o sistema dos sinais perceptivos. Antes de estudá-la, pretendo elucidar o que Freud entendeu por "relação lógica", quando afirmou que as relações presentes entre as representações dos sistemas inconscientes são dessa natureza, uma vez que também aqui se torna patente a dimensão semântica da teoria da libido.

As representações inconscientes são representações de objetos e alguns desses objetos são representações de termos da linguagem. No texto *A concepção da Afasia (Zur Auffassung der Aphasien)*, de 1891, Freud diferencia dois tipos de representação: a de objeto e a de palavra. A primeira seria uma representação complexa, onde o elemento organizador é dado pela imagem visual. A segunda, a de palavra, seria uma representação igualmente complexa, mas estruturada pela imagem acústica. Tomando por base as possíveis relações no interior de cada uma dessas representações e na relação entre as duas, Freud define os três tipos de afasia. No *Projeto de uma psicologia científica* (1975), ele define três tipos de representação: a de palavra, a de objeto e a da coisa (*das Ding*). A última é dotada da capacidade de predicar, sem poder ser predicada. Assume assim o papel de pura referência. A neurose seria responsável por um rompimento entre a representação de coisa e as outras duas. Mas é na constituição do desejo que se torna mais clara a articulação entre os três tipos de representação. A vivência de satisfação serve de modelo para a produção do circuito do desejo. Nele estão presentes, pelo menos, quatro representações. Uma primeira, a representação de coisa, é representante da pulsão; uma segunda, a representação de objeto, representa o objeto de desejo; uma terceira, a representação de palavra, representa a palavra ouvida; e uma quarta representação indica que o processo de somatização, na fronteira do aparelho psíquico, foi interrompido. Essas representações foram inscritas de acordo com uma seqüência temporal, isto é, suas referências *apresentavam uma relação de contigüidade. Se forem evocadas de novo, elas serão ocupadas (besetzen)* simultaneamente. Freud usa o termo "desejo" para designar precisamente essa ocupação simultânea. Posteriormente, em 1915, em "O inconsciente (das Unbewusste, 1969b), será proposta uma nova terminologia para as representações. A representação de objeto passa a ser constituída por duas representações, a representação de coisa e a representação de palavra. A primeira é considerada como a representação de objeto propriamente dita, e a segunda, a de palavra, ainda representa a palavra ouvida.

Podemos entender, valendo-nos dessas considerações, a expressão "relação lógica". No sistema formado pelos sinais perceptivos encontra-se, como já mencionamos anteriormente, a forma mais primitiva e decisiva do circuito de desejo. O que

significa isso? Tão-somente que é no primeiro sistema de memória que se inscreve o circuito constituído pelo desejo originário, ou seja, nele vigora uma relação de simultaneidade entre duas representações fundamentais: a do objeto e a da palavra ouvida, que, dadas as considerações feitas em "O inconsciente", podem ser expressas como um vínculo entre uma representação de coisa e uma representação de palavra. Contudo, o que predomina, aqui, é o aspecto sensorial dessas representações; em especial, o de coisa, isto é, o seu elemento visual. Não podemos nos esquecer de que o aparelho psíquico freudiano é pensado de modo a produzir a passagem do domínio da imagem para o da palavra.

Quando a fase oral tardia surge, e com ela a construção do primeiro sistema inconsciente, o que estava inscrito no sistema dos sinais perceptivos deve ser traduzido nos termos desse primeiro inconsciente. Ora, aqui também se estabelece um nexos entre representação de coisa e representação de palavra. Mas como o referente é diferente, é como se aquilo que se exprimia em termos de "lábios" tivesse de ser expresso agora em termos de "dentes". "Relação lógica" designa a ligação que se estabelece entre representação de coisa e de palavra. Por que não há, nos sistemas inconscientes, relações de simultaneidade? Porque neles se formam os eus que têm como função precípua inibir o processo primário, ou seja, a relação de simultaneidade. Os vínculos estabelecidos por eles são de similaridade, ou seja, devem descobrir se o objeto diante deles é, ou não, idêntico ao objeto desejado. Quando da formação do segundo sistema inconsciente, teremos uma nova tradução que se pode descrever pela concepção de que o que se exprimia em termos de "dentes" deve ser expresso agora em termos de "ânus".

Em suma, podemos ler as diversas fases da libido como relações de tradução entre elas. Há uma série de falas intermediárias, jamais completamente olvidadas, a dos "dentes", a do "ânus", a das "fezes" e a do "*phalus*".

No caso clínico, examinado há pouco, vimos como o desejo de ter um filho (fala genital) traduz-se na fala fálica como desejo de ter o *phalus*, e na fala anal (das fezes), como desejo de dominar. Mas, se assim elucidamos o aspecto formal do desejo, resta mostrar aquilo que o determina desde a sua versão mais remota.

Subjacente à minha tese de que a teoria da libido apresenta uma dimensão semântica, esteve presente e pressuposta o tempo todo a idéia de que a teoria freudiana do inconsciente é, em sentido lato, uma teoria da memória. Por conseguinte, vou reformular a pergunta sobre o que determina o desejo para o que organiza a memória. Freud descreve três perdas no ser humano: a do seio materno, a das fezes e a castração. Uma leitura desenvolvimentista da teoria da libido poderia atribuir à primeira o papel de fundamento, ou seja, a perda das fezes e a castração são terríveis, para o ser humano, porque repetem a perda originária do seio. Se isso fosse verdadeiro, poderíamos pensar que a organização das representações na memória é feita em torno dessa "perda estruturante". Contudo, estaríamos, ao mesmo tempo, poupando Freud de escrever "Totem e tabu" (Totem und Tabu 1969a). Não saberíamos o que fazer com as suas hipóteses filogenéticas. Elas seriam perfeitamente dispensáveis. A própria

vida de cada um de nós se encarregaria de construir os diversos sistemas de memória. Em suma, o desejo seria determinado pela perda do seio materno. Todo desejo seria sempre o desejo de reencontrar o seio perdido.

Entretanto, "Totem e tabu" foi escrito com a finalidade de mostrar o que organiza a memória, o que determina o desejo. Não encontramos nele nenhuma referência ao seio, mas inúmeras ao pai morto. O "não matar o totem" está fundado, segundo Freud, em razões puramente emocionais, isto é, ele leva em conta apenas os imperativos sexuais. Ele ignora o princípio da realidade, dado que o pai já está morto. Mas o "não ter relações sexuais dentro do mesmo totem" obedece ao princípio da realidade. Pois se cada um dos filhos fosse governado apenas pela pulsão sexual, eles lutariam entre si para ver quem tomaria o lugar do pai. Portanto, a necessidade de romper a luta de todos contra todos leva a instituir uma lei que é, ao mesmo tempo, um contrato que se exprime pelo imperativo "não tomar as mulheres do pai".

O principal motivo para matar o pai foram as mulheres que o pai possuía. Será que o desejo mais primitivo de todos é o desejo pela mulher? Dificilmente, dado que não podemos nos esquecer de que os filhos expulsos da horda primitiva desenvolveram sentimentos homossexuais. E o que parece ser mais revelador ainda, as mulheres fundaram o matriarcado no vácuo de poder que se produziu entre a morte do pai e o contrato dos filhos. A identificação entre eles não se dá apenas enquanto assassinos do pai, mas também antes da sua morte, enquanto expulsos e ameaçados de castração por ele.

Por conseguinte, a figura do pai é a condição para o estabelecimento da exogamia tanto na primeira renúncia dos filhos - se tomarem as mulheres do pai, serão castrados por ele - como na segunda - o contrato estabelecido, agora, pelos filhos, que se reconhecem como irmãos, impede que qualquer um deles assuma o lugar do pai. Assim, o pai é o primeiro representante do princípio de realidade ao interditar a relação dos filhos com as mulheres. Ele estabelece o primeiro *não*. Mas o que deseja o pai? Ele deseja as suas mulheres. Mas é um desejo fora do processo de hominização, é um desejo imediato, animal, despido de mediações. O desejo dos filhos, enquanto desejo formado com base no desejo do pai, é, por conseguinte, desejo de desejo, um desejo de segunda ordem: ele passa pelo pai e por uma intenção que visa algo do pai. Estamos diante do momento zero da hominização. Mas não é ainda a passagem completa. É o temor à castração que organiza a primeira forma de socialização. Ele se exprime pelo temor de ser incorporado pelo pai, isto é, de ser morto por ele. A homossexualidade dos filhos é a primeira forma de satisfazer o pai, ou seja, ela se funda em um desejo do pai. Contra ela, aparece o desejo de ser como o pai enquanto possuidor de mulheres. O que leva ao assassinato do pai, que será devorado pelos filhos. Mas, de novo, constatamos uma identificação com o pai: ao devorá-lo, isto é, ao castrá-lo, os filhos realizam com o pai o que este queria fazer com eles. Em suma, a luta entre os filhos e o pai dá-se em torno do *phalus* - o medo da morte é o medo da castração. E é precisamente este último que leva os irmãos ao contrato: não matar o pai ("não matar o totem"), não tomar as suas esposas ("manter

as relações de exogamia"). Dado esse quadro, é forçoso concluir que a relação com a mãe será sempre mediada pela relação com o pai, ou seja, a relação com o seio já está organizada pela relação com o *phalus*. Portanto, as fases anteriores à fase fálica não são extrafálicas, mais um lembrete de que não devemos confundir realidade com realidade psíquica. Se na primeira o *phalus* aparece tardiamente, na segunda, ele está lá desde o primeiro instante.

Freud escreveu "Totem e tabu" movido pela necessidade de supor uma "vivência originária" que determinasse uma "forma de apreensão" do mundo. No final dessa obra, ele propõe a seguinte interpretação da tragédia grega. A relação entre o herói trágico e o coro seria uma representação da relação pai/filhos. O herói encarna o pai que será morto e o coro a comunidade dos irmãos. Como a tragédia tem a estrutura de um sintoma, ela apresenta a situação invertida, isto é, a culpa é atribuída ao herói e não ao coro. O herói é responsável pelo seu destino, na mesma medida em que o totemismo sugere que, se o pai fosse bondoso como o animal totêmico, ele não teria sido morto.

A vivência fundamental é explicitada pelo complexo de Édipo. O que nos coloca diante de três questões: como mostrar a presença dele através da história? Como ele pode ser simultaneamente social e individual? Trata-se de algo realmente vivido ou é apenas uma fantasia?

As três perguntas estão intimamente relacionadas. Se acreditarmos que o Édipo constitui a estrutura básica da psique humana, a primeira questão pode ser reformulada da seguinte maneira: como uma mesma estrutura atravessa a história? A resposta freudiana consiste em recorrer à filogenia. Ela foi o modo encontrado por Freud para dar conta da universalidade do Édipo. Se nós a aceitarmos, então a resposta à segunda questão é imediata. Dado que os seres humanos a possuem, a psique individual é uma forma de apresentação da coletiva, da social. Mas resta por responder: como se constituiu algo que a filogenia conserva, e a ontogênese repete? Uma possibilidade seria a de afirmar que se trata de uma fantasia que surge da repetição das mesmas condições, isto é, da existência da família. Bem, vários psicanalistas que recusaram as especulações filogenéticas freudianas tomaram essa via, sem notar que, ao fazê-lo, estavam destruindo um dos mais belos resultados de Freud - o de mostrar que a família nuclear não é fundadora de nada. Para ele, o que funda o ser humano é a horda primitiva, algo que, convenhamos, está bastante afastado da família nuclear. É a existência de algo histórico, de um ato, que instaura as condições para essa estrutura fundamental, o complexo de Édipo. Para que possa existir a fantasia neurótica, é preciso que exista essa estrutura, sem ela não seria possível a experiência humana. Como todos devem ter notado, na minha interpretação da psicanálise, parafraseando Adorno, nada é verdadeiro, exceto os exageros.

GABBI JÚNIOR, O. F. The semantic dimension of the theory of libido. *Perspectivas*, São Paulo, v. 16, p. 99-107, 1993.

- **ABSTRACT:** *The article presents a theory of the levels of libido understood as a theory about the ways of reality apprehension. One deals with the idea of the Freudian psychic apparatus as an organization formed by a series of, at least, four subconscious systems.*
- **KEYWORDS:** *Psychoanalysis; libido; the subconscious.*

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W. La revision del psicoanalisis. In: ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. *Sociológica*, Madrid: Taurus, 1971.
- FREUD, S. *Zur Auffassung der Aphasien*. Viena: Deuticke, 1891.
- _____. A disposição à neurose obsessiva. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 12.
- _____. Totem und tabu. In: _____. *Gesammelte Werke*. Frankfurt: Main Fisher, 1969a. v.9.
- _____. Das Unbewusste. In: _____. *Gesammelte Werke*. Frankfurt: Main Fisher, 1969b. v. 10.
- _____. *Projeto de uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- HORKHEIMER, M. El psicoanálisis desde el punto de vista de la sociologia. In: _____. *Sociedad en transición: estudios de filosofia social*. Barcelona: Conmarcolor, 1976.